

Saúde pessoal

O equilíbrio corporal é uma capacidade que pode ser preservada com o tempo

Página A31



Dicas

Exercícios e testes podem ajudar a desenvolver e avaliar a habilidade motora

Página A31



SINESTESIA

O cheiro do som e a cor do gosto

Segundo cientista, quatro a cada 100 pessoas têm uma percepção misturada dos sentidos

Cristine Gerck

O som de uma música traz um gosto na boca. Uma letra num caderno inspira sensações de toque. O cheiro detectado ao longe evoca a imagem de uma cor. Todas essas condições parecem versos de Fernando Pessoa, mas trata-se de uma condição psicológica que pode não ser tão rara quanto se pensa. Uma professora da Universidade de Granada sugere que quatro em cada 100 pessoas no mundo têm sinestesia — fenômeno no qual os sentidos são percebidos de forma misturada. Segundo a psicóloga, a habilidade se relaciona com uma capacidade intelectual avançada.

Para alguns cientistas, todos po-

dem em algum momento da vida ter a habilidade de sentir o cheiro de sons, ver odores ou escutar cores, sobretudo quando recém-nascidos. A psicóloga Alicia Callejas explica que a maioria das pessoas não sabe que tem essa condição, e pensa que percebe o mundo normalmente.

Criatividade desenvolvida

— Muitos autores relacionam a sinestesia a uma inteligência aprimorada, criatividade super desenvolvida, problemas com matemática e capacidades espaciais — conta Alicia. — Quando um sinesteta indica que a palavra cachorro é azul, se ele a vir escrita numa cor diferente, a grafia lhe parece errada ou feia.

O estudo da psicóloga se con-

centra em entrevistas com pessoas com o tipo mais comum da condição, na qual letras, palavras e números evocam cores de forma involuntária e automática. A cientista ressalta que os sinestetas sempre experimentam a mesma sensação. Ou seja, determinada nota musical ou unidade de tempo sempre evoca a mesma cor.

Jamie Ward, da University College London, levantou recentemente a possibilidade da visão de auras em volta dos corpos humanos, relacionada muitas vezes ao misticismo, ser causada pelo fenômeno. Em seu estudo, Ward descreve o caso de uma jovem, identificada apenas pelas iniciais G.W., que via cores como azul e violeta quando encontrava pessoas conhecidas, a ponto que bastava ouvir

os nomes delas para ter a sensação.

A sinestesia não é considerada uma doença. A pessoa pode perceber que é sinesteta ao contar suas experiências para pessoas que não são. Alguns fazem comentários como “Este pôster está errado. Por que alguém escreveu essa palavra em vermelho, se é verde?”, gerando uma reação intrigada.

Sensação não substitui outra

Sean A. Day, presidente da Associação Americana de Sinestesia e sinesteta, explica que a condição é adicionada à percepção sensorial primária. Por exemplo, a imagem visual não substitui as sensações auditivas. E, geralmente, há uma via única: para uma pessoa o gosto pode produzir

sons e o som não produzir gosto.

— Um piano produz uma nuvem azul celestial na minha frente, um saxofone gera a imagem de luzes de neon roxas. O gosto de café expresso me faz ver uma piscina de fluido oleoso verde escuro a 60 cm de distância — conta Day. — Eu ficaria muito triste se não tivesse mais essas experiências. Seria como ficar surdo ou cego. Dos mil casos de sinestesia que já estudei, apenas uma pessoa queria se livrar da sensação. E, para isso, teria de remover drasticamente os sentidos envolvidos.

Segundo Day, geralmente a pessoa nasce com sinestesia. Mas ela pode desenvolver a condição depois de um trauma, ou pode ter uma experiência curta induzida pelo uso de drogas.

Arte Kiko



No Brasil, fenômeno é considerado raro e sintomático

Segundo especialistas brasileiros, a sinestesia é muito rara no país e pode ser um sintoma de doenças psiquiátricas. Jerson Laks, da Associação Brasileira de Psiquiatria (ABP), explica que a condição muitas vezes aparece associada a manifestações psicóticas, como a esquizofrenia.

— A pessoa ouve música quando liga a água da torneira. O próprio paciente percebe que tem algo errado e procura o médico — conta Laks. — Se for uma sensação intensa que altere o cotidiano da pessoa, precisa-se identificar a síndrome por trás para tratamento. Pacientes com epilepsia podem ter manifestações parecidas.

Marco Antonio Brasil, coordenador do programa ABP Comu-

nidade, ressalta que no campo psiquiátrico um sintoma não é suficiente para fazer o diagnóstico de uma doença. Logo, para identificar a sinestesia como indicio de algum distúrbio, ela precisa ser analisada dentro de um conjunto amplo de sinais, considerados perturbadores para o paciente: — Há uma chance muito grande de a sinestesia ser comum a muito mais pessoas do que pensamos. Se não incomodar, o sinesteta não o relata e o fenômeno não é conhecido.

Estudos indicam: 52% dos sinestetas têm mais de um dos 50 tipos da condição. Só 10% dos sinestetas realmente vêem um objeto ao seu redor. Geralmente, a imagem é um sentimento de cor ou forma.

“Muitos relacionam a sinestesia a uma inteligência aprimorada e criatividade superdesenvolvida

Alicia Callejas,
Psicóloga da Universidade de Granada

“O gosto de café expresso me faz ver uma piscina de fluido oleoso verde escuro a 60 cm de distância

Sean A. Day,
Sinesteta

Causa da condição ainda não está bem esclarecida

Ainda não há uma resposta absoluta para a causa da sinestesia, mas alguns acreditam que seja um fenômeno puramente biológico, um cruzamento de estímulos. A área que estimula a visão teria alguma interação biológica com a da audição, por exemplo.

Sean Day explica que todos os humanos nascem com seus sentidos unificados, conectados por redes neurais. Entretanto, os sentidos começam a se separar com cerca de seis meses e continuam até os 10 anos. Para ele, traços genéticos podem fazer com que as redes neurais não sejam separadas corretamente. Essas conexões extras podem causar o fenômeno. Outra teoria explica

que se há mais conexões entre módulos próximos do cérebro, como os que dão conta de letras e cheiros, a sinestesia pode se desenvolver.

— Pode ser também algo no campo psicológico. A pessoa vivencia a experiência, sem estar de fato tendo o estímulo cerebral. Isto é um tipo de alucinação. São distorções na interpretação dos sinais recebidos — acrescenta Marco Antonio Brasil.

O psiquiatra Jerson Laks admite que a condição pode ser confundida com memória afetiva:

— As vezes uma música tocava quando você comia um prato saboroso e, mais tarde, você sente o odor quando ouve a música. Isso não é sinestesia — define Laks.